



A luta pela terra nas páginas do livroreportagem *Rompendo a Cerca*¹

Hanne Cristhine Assimen CALDAS²

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM⁴

Resumo

Cada veículo midiático possui uma forma singular de divulgar os fatos, o livroreportagem *Rompendo a Cerca* não é diferente. É a partir deste entendimento que este trabalho apresenta como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é abordado neste veículo, explicitando sua trajetória. Entender essa abordagem específica significa compreender o contexto do universo dos fatos por meio da representação jornalística e com isso ser possível até mesmo desconstruir conceitos clichês como objetividade, verdade e imparcialidade. Também serve para compreender a influência desse meio de comunicação no contexto social, por meio da verificação se há ou não estereótipos criminalizadores sobre este movimento social.

Palavras-chave: MST; Livroreportagem; Representação jornalística; *Rompendo a Cerca*; Terra.

Abstract

Each mass media possesses a singular form of publishing the facts, the non-fiction novel *Rompendo a Cerca* is not different. It is starting from this understanding that this work presents as the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) it is approached in this vehicle, explaining his path. To understand that specific approach means to understand the context of the universe of the facts through the journalistic representation and with that to be possible even undo concepts clichés as objectivity, truth and impartiality. To do is also to understand the influence of that mass media of communication in the social context, through the verification there is been or no criminal stereotypes on this social movement.

Word-key: MST; Non-fiction novel; Journalistic representation; *Rompendo a Cerca*; Ground.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de analisar como é construída a representação jornalística da luta pela terra de um dos movimentos sociais mais resistentes no país e o

¹ Trabalho submetido ao XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte (Intercom), na categoria Jornalismo.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, email: hanne.ufam@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo email: rafaelbellan@yahoo.com.br

⁴ Município do interior do Estado do Amazonas com aproximadamente 100.000 habitantes, localizado a 420 quilômetros da capital do Estado (Manaus).



maior da América Latina, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no livro-reportagem *Rompendo a cerca*.

Além disso, buscar por meio de análise avaliar se há consonância ou dissonância entre o que rege a ideologia (visão de mundo) do MST e o que é apresentado na narrativa deste livro.

O trabalho mostra um panorama do que é o MST num contexto distinto do que idealizam como sociedade e as lutas por mudanças sociais que desde seu nascimento, em 1984, o movimento busca com vigor alcançar.

Para a realização da análise, utiliza-se o estudo de Murilo Soares (2009) que trata sobre representação jornalística, no qual é nosso principal objetivo de verificar como o MST está representado jornalisticamente neste veículo de comunicação.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

1. MST: o contexto da luta pela terra

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mais conhecido como MST, possui três principais objetivos que movem este movimento social, são eles: “lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país” (REVISTA MST, 2010, p. 7).

O Movimento tem sua gênese na busca pela democratização da terra, mas também na sociedade de modo geral e possui o procedimento de realizar ocupações para conquistar seus objetivos.

Por meio da luta pela reforma agrária, queremos contribuir com a superação da gritante e imoral desigualdade social existente em nosso país e perpetuada por todos os governos. Queremos uma agricultura voltada prioritariamente para a produção de alimentos e que assegure a preservação ambiental. Queremos que a população rural permaneça no campo, em condições dignas de vida, com acesso à educação e ao conhecimento, construtora do seu próprio destino (REVISTA MST, 2010, p. 4).

Além disso, não se pode esquecer que a maioria dessas mobilizações teve contribuição e apoio fundamental da Comissão Pastoral da Terra (CPT), um braço da Igreja Católica, que desde as primeiras ocupações bem antes de 1984, ajudou na atuação e tempos depois na origem do MST. Mas, foi especialmente na época do regime militar que surgiram as maiores ocorrências das ocupações pelo país, pois além de todo o contexto vivenciado de repressão, o MST traduz o significado da ditadura em relação à terra:



[...] a ditadura implantou um modelo agrário mais concentrador e excludente, instalando uma modernização agrícola seletiva, que excluía a pequena agricultura, impulsionando o êxodo rural, a exportação da produção, o uso intensivo de venenos e concentrando não apenas a terra, mas os subsídios financeiros para a agricultura (REVISTA MST, 2010, p.7).

Ou seja, o profundo descontentamento de pessoas que não possuíam terra para morar, cultivar a agricultura ou mesmo para trabalhar, influenciou profundamente a origem das ocupações por centenas de sem-terra em diversos lugares do país. Porém, novamente a CPT esteve presente. “[...] foi a CPT, sem a qual, em anos de ditadura, o Movimento não teria nascido ou talvez demoraria ainda muito tempo para surgir” (MORISSAWA, p.123). A CPT foi de fundamental importância para que houvessem os chamados “desmascaramentos das políticas e projetos dos militares” (MORISSAWA, p.105).

Somente em 1984, quando já haviam sido realizadas várias ocupações e manifestações em razão de lutar para todos terem o devido acesso à terra tanto para morar quanto para produzir, que os trabalhadores rurais, principais personagens dessas lutas, se organizaram num encontro nacional no Paraná para debater e fundar o MST, a fim de se unirem para defender seus objetivos.

A esperança que todos tinham era de haver a efetivação do Plano Nacional da Reforma Agrária previsto para iniciar em 1985 por meio do primeiro presidente civil, Tancredo Neves, após 21 anos de regime militar. O Plano previa assentar 1,4 mil de famílias. Porém, “até 1989, apenas 82.690 famílias haviam sido assentadas, ou seja, 6% do total previsto pelo plano” (REVISTA MST, 2010, p. 7). E consta ainda nos registros do MST que até 1993, ano em que a Lei Agrária foi regularizada no governo de Itamar Franco, não foram realizadas desapropriações de terras para a reforma agrária.

Ou seja, foi realmente no período militar que houve a efetivação das maiores concentrações de terra. E mesmo com o período de redemocratização da política, o qual passou de militar para civil, a maioria dos agricultores, camponeses, meeiros, dentre todos os considerados sem-terra, criaram a expectativa de melhorias de vida, tanto na busca por moradia quanto por trabalho. Era a porta da esperança que se abria diante desses povos.

Com a redemocratização política, esperava-se que houvesse também a redemocratização de acesso à terra ou mais conhecida como reforma agrária. Mas, o acesso a terra não ocorreu, pois passados vários mandatos de presidentes do Brasil,



desde Tancredo Neves a Luiz Inácio (Lula), o plano da reforma agrária cada vez mais não passou de ser plena teoria tão esperada durante décadas.

Houve ainda a propaganda de que Fernando Henrique Cardoso realizou a maior reforma agrária em toda a trajetória de luta pela terra no Brasil. Mas, o que realmente aconteceu foi que a maioria dos assentamentos foi resultado de ocupações e não de um plano real de reforma agrária.

Porém, ainda havia expressiva expectativa de se ter a reforma agrária em 2002, quando Lula foi eleito, devido ser forte defensor da reforma. Mas, novamente essa esperança entrou em profunda depressão, pois o incentivo ao agronegócio sobressaiu à simples preocupação com a questão dos sem-terra.

Incentivado pelo governo, o agronegócio tem como lógica a exploração da terra, dos recursos naturais e do trabalho, por meio do financiamento público. Não produz alimentos para o povo brasileiro, deteriora o ambiente, gera poucos empregos e utiliza grandes extensões de terra para a monocultura de exportação, baseada em baixos salários, no uso intensivo de agrotóxicos e de sementes transgênicas. Num contexto de crise econômica mundial, não tem condições de produzir alimentos para a população ou criar postos de trabalho para os agricultores (REVISTA MST, 2010, p. 8).

Portanto, são estes alguns dos problemas enfrentados pelo Movimento durante sua trajetória e que a cada ano se agrava devido as políticas investidas para proteger o setor do agronegócio. Por o agronegócio ser o protagonista de toda essa trajetória de obstáculos e ter afetado diretamente o Movimento, como com a questão do uso exploratório do trabalho humano, da terra, dos recursos naturais e do dinheiro público, é que o MST vem buscando superar ao longo de décadas para trazer benefícios para a população que está inserida no contexto dos sem-terra.

Mas, ao contrário do que foi propagandeado na época do FHC e mesmo com forte incentivo ao agronegócio, ainda assim foi somente no mandato do Lula que ocorreu o maior número de assentamentos em toda a história de luta pela terra já vivenciado pelo MST.

Para combater essas atitudes, o MST também lança mão de mobilizações a nível nacional para manter o movimento na pauta de discussão da sociedade e do Estado, a fim de que a realidade social possa mudar cada vez mais, pois devido a estas atitudes o MST já alcançou resultados importantes no campo social no que diz respeito a suprimir a mortalidade infantil, a amortização da fome e a produção nos assentamentos (REVISTA MST, 2010).



1.1 Ocupação *versus* Invasão

É importante deixar claro a distinção entre os dois termos, principalmente no que diz respeito à atuação do MST. Quando os termos são pesquisados no Dicionário Aurélio é possível encontrar os seguintes significados para ambos: a) Invadir; conquistar; entrar à força ou hostilmente em; ocupar à força. É possível perceber que o próprio Dicionário não apresenta diferença entre estes termos, tornando assim confuso o entendimento e a distinção entre os mesmos.

Porém, alguns juristas como Fábio Comparato, Luiz Edson Facchin e Régis de Oliveira, afirmam que existem fortes diferenças entre ocupar e invadir. Ocupar quer dizer preencher um espaço vazio – sendo neste caso, terras que não estão cumprindo sua função social. E invadir quer dizer ato de força para tomar algo ou alguma coisa de alguém em proveito particular (MORISSAWA, 2001).

Neste sentido, é perceptível o equívoco também por parte da imprensa, pois muitas vezes a mesma utiliza o termo invasão ao invés de ocupação para se referir as ações do MST quando entram e montam o acampamento no interior de uma fazenda. “É preciso que fique claro que a área ocupada pelos sem-terra é sempre, por princípio, terra grilada, latifúndio por exploração, fazenda improdutiva ou área devoluta” (MORISSAWA, 2001, p. 132).

Ou seja, a ocupação é o principal instrumento utilizado pelo Movimento como forma de resistência, luta e, principalmente, de reivindicação pela busca de ter o acesso a terra. E ao realizar uma ocupação, conseqüentemente, os sem-terra passam a almejar a possibilidade de negociar com o governo e posteriormente conquistar esta terra em bem de uma coletividade. Diferente do que propõe o termo invasão, segundo os conceitos demonstrados pelos juristas anteriormente.

DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

2. Rompendo a Cerca

O livroreportagem *Rompendo a cerca – a história do MST* é de autoria de Sue Branford e Jan Rocha. Ambas são jornalistas estrangeiras, mas que adotaram o Brasil para morar e trabalhar por um tempo, os quais utilizaram também para escrever esta obra. O livro está disposto em 398 páginas e foi lançada pela editora Casa Amarela no ano de 2004. A obra é desenvolvida em quatro partes.



Na primeira parte, tratam sobre a trajetória e expansão do MST, ou seja, desde sua origem até a consolidação como movimento nacional. Nesta etapa, assim como nas demais, as autoras descrevem com intensidade sobre a relação do contexto político do Brasil - desde a época das concentrações de terra do império português - com as mobilizações do MST – muito antes de se tornar consolidado nacionalmente - e mostram o quanto o movimento, em pouco tempo e apesar das adversidades da conjuntura política, passou a ser um dos maiores movimentos sociais da história.

Além disso, tratam sobre a consolidação do MST em meio ao contexto político da época, o qual era de Ditadura Militar, que teve início em 1964; os protestos da sociedade civil, onde o povo pedia as Diretas Já!; os muitos golpes e armadilhas na política para desestruturar o movimento; o MST dentro do contexto da Nova República; a dificuldade de ocupação de fazendas desapropriadas pelo governo, mas que ainda assim o MST encontrava obstáculos para ocupar as terras; e também a derrota da reforma agrária no Congresso, mas que não impediu o crescimento do MST.

Na segunda parte, expõem a respeito da forma estratégica do movimento para conquistar a terra e o que já realizou quanto à agricultura e educação após a conquista da terra. Quanto a forma estratégica do movimento a fim de conquistar a terra, as autoras mostram que a ocupação é a metodologia fundamental e suficiente no MST.

Outro aspecto tratado é sobre os assentamentos, o qual é narrado de forma histórica o processo de como ocorre um assentamento do MST, pois “uma vez conquistado o título da terra, uma comunidade permanente estabelecida: o acampamento transforma-se em assentamento” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p.130).

Porém, a luta por conseguir a terra é colocada de maneira insuficiente, pois o movimento busca ir além da conquista da terra. Neste sentido, o acesso à educação também se tornou uma bandeira de luta para o MST. “Onde quer que haja uma ocupação, acampamento ou assentamento do MST, há uma escola. [...] A luta pela terra se tornou, também, uma luta por educação, por escolas, pelo direito de saber” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p.157).

Além disso, o movimento enfrenta também a dificuldade da ausência de auxílio por parte do governo, pois os professores que são enviados carregam consigo o estereótipo do preconceito para com o movimento. Por isso, o MST também carrega um objetivo quanto à educação: “estabelecer um sistema educacional capaz de produzir ‘novos seres humanos’” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p. 161).



Na terceira etapa, são expostos os maiores obstáculos enfrentados pelo movimento, os quais vão desde a violenta repressão até a globalização da agricultura brasileira, a qual esta última reprime a agricultura sustentável, cultura largamente utilizada pelo movimento.

Inicialmente são dedicados dois capítulos para tratar dos conflitos ocorridos entre o MST e os fazendeiros dos Estados do Pará e Paraná, devido questões fundiárias em todo o país. A realidade da questão da terra no Pará sempre passou por entraves, como o caso de grandes empresas capitalistas e fazendeiros obtendo largos hectares de terras e colocando os trabalhadores rurais em situação de escravidão. Além disso, nove anos antes de o movimento chegar, em 1980, foi encontrado o garimpo de Serra Pelada, o qual foi descoberto quando a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), na época maior empresa estatal de mineração do país, iniciou um grande projeto de exploração de minério de ferro na serra de Carajás. Isso trouxe muitos problemas econômicos e principalmente sociais para a população local. Um dos fatos marcantes na história do Estado ocorreu em 17 de abril de 1996, o Massacre de Carajás, onde morreram 19 sem-terra.

Sobre a repressão no Paraná, as autoras mostram que devido o Estado ser mais organizado por isso havia maiores repressões e com isso mostra também o obstáculo de o MST se firmar nessas terras. Por este motivo, também teve um grande número de pessoas que foram expulsas das terras ocupadas. O principal fator apontado que influenciou os agricultores a serem despejados das terras foi a construção da hidrelétrica de Itaipu, represa hidrelétrica que está entre as maiores do mundo.

Nos demais capítulos são apresentados outros obstáculos enfrentados pelo MST, como as mudanças no setor agrícola do Brasil, a qual se integrava ao cenário da agroindústria e com isso acelerou o conseqüente êxodo rural. Neste contexto surge a revolução verde, o que prejudicou ainda mais os pequenos agricultores, devido o modo de cultivo e investimento demandado pela revolução que passara a afetar diretamente lavradores sem perspectiva de vida.

Além disso, para prejudicar ainda mais os agricultores, o governo criou o Banco da Terra, um banco de créditos fundiários para que as famílias sem-terra assinassem um contrato para comprar antes mesmo de tomar posse do lote, servia como um financiador das famílias rurais. Plano que atraía muitos sem-terra e ao mesmo tempo preocupava o MST, pois a metodologia do movimento sempre foi a ocupação.



Outro obstáculo foi a contraofensiva do governo do FHC, quando este tenta enfraquecer o movimento, criando plano para destruir e até incriminá-los. Também são acusados de defender ideias socialistas ultrapassadas e a mídia nacional passa a adotar uma atitude agressiva para com o movimento, o que prejudicou sua imagem ainda mais perante a população de todo o país.

Na quarta etapa, as autoras descrevem como o MST responde aos desafios enfrentados, a partir do desenvolvimento de uma alternativa econômica, a qual tem como base a agricultura orgânica e a tentativa de difundir um novo modelo cultural para defender os próprios valores do movimento.

Quanto ao desenvolvimento de uma alternativa econômica é apresentada no capítulo A opção verde, no qual é o método de uma agricultura orgânica criado pelo movimento para fugir da rota das sementes híbridas, para conseguir suprir a alimentação nos acampamentos, mas principalmente para contestar o investimento do agronegócio. A partir desse pensamento foram criadas várias cooperativas e também contam com a conquista da Bionatur, empresa produtora de sementes orgânicas do MST.

Outra problemática é quanto a busca de manter a mobilização ativa, mas para isso precisam repensar a ideologia revolucionária que tem o movimento, onde esta precisa se manter forte e ser eficaz para atrair e quebrar paradigmas da visão conservadora de muitos camponeses e também para não deixar essa nova geração sem-terra ser aliciada e se tornar alienada pelos novos valores impostos pela sociedade do consumismo. Por fim, são destacados outros movimentos históricos que se apresentam de forma similar ao movimento e também este dentro de um contexto histórico.

RESULTADOS ALCANÇADOS

3. A representação jornalística da luta pela terra no livroreportagem Rompendo a Cerca

Estudar a representação jornalística implica tratar sobre os conceitos de agendamento, enquadramento e hegemonia (SOARES, 2009). Ousaria afirmar também a ideologia, tendo em vista que esta representação está imersa em uma totalidade de contexto de poder, o qual na nossa sociedade se trata do sistema capitalista.

Porém, vale ressaltar que nesta análise iremos nos ater somente ao conceito de enquadramento para tratar sobre representação jornalística do MST no livroreportagem. Com base no conhecimento da hipótese de agendamento, levamos em consideração ser este um conceito mais aplicado para a prática jornalística do cotidiano, onde se torna



possível e suscetível de realizar a construção dos fatos na agenda do público, como os assuntos sobre política ou mesmo grandes desastres. No qual, vale lembrar que Wolf (1986) pontua que a principal premissa do conceito de *agenda-setting* são os efeitos a médio e longo prazo. Desse modo, não sendo um conceito relevante para ser aplicado ao que tange livrereportagem, por justamente este ser um veículo único e onde se concentra um assunto atemporal. Quanto aos demais conceitos, não iremos descartar ao que se refere a hegemonia e ideologia, só que com o olhar mais distanciado nesse primeiro momento.

É também importante relembrar sobre o que trata o principal conceito trabalhado para análise. Enquadramento é todo o processo de apuração e transformação do acontecimento em notícia, pois é a etapa que acontece o momento das escolhas por parte do repórter, o qual irá fazer a seleção das fontes, escolher o ângulo que vai desdobrar o fato, dar ou não ênfase a determinados depoimentos das fontes, dos envolvidos, e também das cenas do acontecimento. Ou seja, é um procedimento de seleção, exclusão ou ênfase de informações, de forma que os acontecimentos cotidianos ou mesmo temas atemporais são dados a conhecer.

Com base no entendimento desse conceito, é possível partir para análise do livrereportagem Rompendo a Cerca utilizando a discussão teórica a fim de verificar como está construída a representação jornalística do MST neste meio de comunicação de massa.

O MST é um movimento social que tem uma trajetória marcada por muitas lutas e uma delas é com a própria mídia. Mesmo assim, este movimento tem conseguido se manter na pauta dos meios de comunicação durante muitos anos, apesar de a mídia de massa deturpar a verdadeira face do que esta organização pretende e estereotipar seus integrantes como invasores de terras.

Ou seja, a mídia faz o agendamento do MST e o enquadra de forma negativa na opinião do público, fazendo com que o movimento seja representado e interpretado sob um olhar criminalizador. Também sobre enquadramento dos movimentos sociais, Murilo Soares (2009) contribui da seguinte forma:

Já os movimentos sociais e protestos populares têm uma cobertura menor e de cunho negativo, sendo apresentados como tumulto e desordem, enquanto decisões institucionais, mesmo prejudiciais, mas argumentadas, são tidas como legais, institucionais e, portanto, aceitáveis (p. 58).



Por outro lado, avaliando o discurso no livroreportagem *Rompendo a Cerca*, é notória a preocupação das autoras de manter o MST na pauta da prática jornalística. Quanto ao enquadramento ou a construção do sentido que é arquitetado durante a narrativa da obra é distinta e se difere completamente de como é realizada pelas mídias de massa tradicionais, como os telejornais e jornais impressos nacionais.

É possível fazer esta afirmativa devido alguns fatores notados durante a leitura do livroreportagem, tais como: tempo dedicado para a apuração jornalística, a experiência de vivenciar o movimento, composição da narrativa, divisão temática como dinamizam o texto e também pelo tratamento dispensado ao movimento seja por meio de expor sua trajetória de luta ou mesmo dando voz aos integrantes deste movimento.

No que diz respeito ao tempo de apuração jornalística para desenvolver o livroreportagem, as autoras relatam que passaram 18 meses viajando pelo Brasil “de avião, ônibus, canoa e carroça, para ouvir as histórias de dezenas de sem-terra, os homens e mulheres que lançaram o MST...” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p.17).

Além do tempo percorrido em busca dessa trajetória do MST, as autoras também vivenciaram de perto e de dentro a prática do movimento, sentindo na pele os obstáculos no cotidiano dos sem-terra na luta pela terra. “Certa noite, nós e 40 sem-terra dormíamos nas barracas de lona preta de um acampamento quando chegaram 30 pistoleiros para expulsar-nos dali” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p.17).

Com isso, as autoras mostram que o trabalho de um livroreportagem vai muito além do que uma notícia ampliada. Trata-se de um trabalho que passa pela pauta, captação, escrita e edição (LIMA, 2006) com um espaço de tempo muito mais prolongado e com tratamento diferenciado das demais produções jornalísticas do cotidiano.

Desse modo, as autoras se preocuparam em realizar uma apuração mais aprofundada e também em vivenciar um pouco do dia-a-dia das dificuldades enfrentadas por estes sem-terra, configurando assim um trabalho jornalístico que humaniza seu sujeito e não espetaculariza ou mesmo cria estereótipos preconceituosos sobre o que se trata o MST.

Outro fator que podemos apontar é quanto a divisão temática que as jornalistas apresentam. Vale lembrar que o livro está dividido em quatro partes: 1) a trajetória e expansão do MST; 2) estratégia do movimento para a conquista da terra e o que realizou



com relação a agricultura e educação depois de conquistar a terra; 3) o MST e os obstáculos enfrentados; e 4) a resposta do movimento aos desafios enfrentados.

Ou seja, aqui já é possível perceber o enquadramento delimitado pelas autoras, no qual buscam dar um enfoque nitidamente diferenciado do que é mostrado pela mídia tradicionalmente massiva. Sendo possível com isso afirmar que por enquadramento ser a construção de sentido que é dado aos fatos cotidianos, neste caso trata-se do que este meio de comunicação julga ser mais relevantes ou de interesse público que é mostrar o MST de perto e de dentro buscando trazer a tona a face de um movimento que busca as mudanças da realidade social.

Neste sentido, durante o desenvolvimento das quatro etapas, é possível verificar que as autoras vão além de descrever tudo o que está sob seus olhares ou mesmo suas sensações sobre vivenciar o movimento. É perceptível que há uma apuração qualitativa também de pesquisa bibliográfica sobre o contexto histórico da trajetória política do Brasil e do MST inserido neste cenário, e não só sobre a história do MST de forma isolada.

Aliás, relacionado a trajetória política do país, no livro fica explícito o quanto esta sempre influenciou diretamente a caminhada de luta pela terra do movimento, sendo muitas vezes prejudicado devido as várias investidas de cunho criminalizador do poder político de vários Estados, mas também pelo próprio governo do país.

É neste sentido que é apresentada a trajetória de luta do MST, pois as autoras mostra-o inserido nos vários momentos marcantes da política no Brasil e que tiveram, de certa forma, participação direta para o fortalecimento do MST, como a Ditadura Militar, Diretas Já e o setor do agronegócio, o qual tem recebido forte incentivo e investimento do governo durante décadas como forma de “desenvolvimento” do país.

Diante dessa perspectiva, é nítido que o fator *ênfase* (enquadramento) é dado para salientar o quanto o MST está envolvido com o cenário histórico político do Brasil e sua luta constante por mudanças reais no contexto social e para efetivação do que é chamado de democratização.

As autoras vão mais além e conseguem relatar de forma minuciosa sobre as mais diversas ações do MST perante tantos obstáculos impostos. Neste ponto percebe-se a *seleção* (enquadramento) do assunto que julgaram relevante destacar e ressaltam que estes obstáculos vão desde a sociedade que ainda criminaliza o movimento até a problemática de ter que se reinventar várias vezes diante de gerações que vem surgindo



dentro deste ambiente, mas que ao mesmo tempo vem perdendo o valor que tem essa mobilização em busca por mudanças no contexto social, seja na conquista da terra, na luta por uma reforma agrária ou mesmo pela educação.

Referente ao tratamento dispensado ao movimento seja por meio de expor sua trajetória de luta ou mesmo dando voz aos integrantes também é importante ser mostrado, pois as autoras são jornalistas e passaram muitos anos residentes no Brasil lidando com a cobertura de vários assuntos. “Nosso interesse pelo MST vem de longa data [...] cobrimos muitos assuntos relacionados à questão da terra – conflitos, invasões, violência, a construção de hidrelétricas e estradas, o avanço da fronteira agrícola” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p. 19).

No sentido de expor a trajetória, as autoras partem de uma ordem cronológica: surge quando ainda eram realizadas reuniões consideradas semiclandestinas e o movimento não era consolidado como nacional nem conhecido internacionalmente; o histórico da concentração fundiária no Brasil; as ações e os embates do MST com governantes e latifundiários; a história para conseguir concretizar as ocupações e depois consolidar os assentamentos; a mística do movimento, o que representa cada símbolo; o histórico de como se desenrolou as ocupações, as conquistas e as derrotas; a contraofensiva do governo a fim de eliminar o movimento; e algumas problemáticas de natureza interna do movimento.

Assim, as autoras conseguem alcançar o objetivo de envolver o leitor e transmitir um conhecimento mais aprofundado sobre a trajetória de luta do movimento pela terra, educação e mudanças reais dentro do contexto social em que vivem. Dessa forma as jornalistas também conseguem alcançar o que Genro Filho (1987) considera ser o jornalismo uma prática social de conhecimento, ou seja, tornando o livro um meio coletivo de aprendizagem.

Com relação a dar voz aos integrantes do MST, as autoras o fazem tanto interno ao texto, utilizando trechos das entrevistas realizadas como aspas para contar um fato ou confirmar algo que apresentam, quanto ao final de cada capítulo, onde dedicam espaço para o depoimento de uma a duas pessoas que já passaram ou ainda integram o movimento e que estão relacionadas com o assunto tratado durante o tópico.

No tocante a composição da narrativa, se refere ao modo de como as autoras constroem a história em torno da trajetória do movimento e dos mais diversos acontecimentos da história do Brasil, nos quais ambos durante vários momentos se



entrelaçam numa caminhada marcada de muita luta e opressão por parte dos considerados desafiadores do poder, o MST.

Seria inviável expor todos os trechos em que é possível verificar tamanha destreza das autoras durante a composição da narrativa, mas vale uma citação para exemplificar sobre o que é romper a cerca:

Para o MST, o ato de ocupar a terra – que eles chamam de “cortar o arame” – é a pedra de toque do movimento. É o batismo de fogo para o militante, uma parte essencial da sua identidade. Desempenha papel-chave na *mística*, o momento do teatro coletivo e da formação do mito que marca o início de todos os eventos do MST. Participar de uma ocupação é um enorme passo para uma família rural pobre... (BRANFORD; ROCHA, 2004, p. 99).

Dessa forma durante a maior parte da descrição e construção do texto é possível que o leitor tenha maior proximidade com o que está sendo narrado. Além de ser um texto de fácil acesso, pois não utilizam palavras eruditas e conseguem conduzir o leitor de modo como se este estivesse também vivenciando e visualizando sobre o que está sendo narrado.

Aqui é possível visualizar que é trabalhado o fator *exclusão* (enquadramento) de qualquer tipo de estereótipo de preconceito de quando se trata dos sem-terra adentrarem em algum lugar para ocupar. Pelo contrário, há uma preocupação das autoras em enfatizar de forma bem real o que significa essa atitude para o movimento.

Portanto, é possível inferir ao que tange a representação jornalística do MST, realizada por meio do enquadramento, esta é feita de forma positiva, no qual as jornalistas procuram realizar um trabalho de apuração aprofundado sobre o assunto, buscam participar procurando estar nas mesmas condições que os sem-terra no momento de uma ocupação e com isso descrever o que significa esse movimento, mostrando principalmente que sua luta não é somente pela terra, mas por mudanças concretas dentro de vários segmentos do contexto social.

Fundamentado nessa premissa maior, se torna cabível visualizar este conceito, enquadramento, no contexto da totalidade hegemônica ideológica, os quais possuem forte relação entre si. É fundamental levar em consideração que os meios de comunicação de massa, ou *mass media*, também estão inseridos nesse cenário e consequentemente são influenciados direta e indiretamente pelo sistema de poder capitalista.

Carragee & Roefs (2004) *apud* Soares (2009) “defendem que os enquadramentos expressam a distribuição do poder social e político, conectando-se



dessa forma à hegemonia ideológica”. Ou seja, o sistema de poder, no qual também envolve os meios de comunicação, dissemina padrões de visão de mundo e com isso mantém consolidada a manutenção da direção moral e intelectual dos sujeitos sociais, havendo desta forma a cooptação da hegemonia e ideologia de um todo social.

Referente a ideologia, Murilo (2009) destaca que em época que existe e é visível certo abrandamento ideológico, as representações referente a realidade social se expandem de maneira sutil nas mídias, um bom exemplo são reportagens, como vestígios de matrizes doutrinárias. Ou seja, são realmente capazes de orientar o público sobre determinados assuntos de maneira rápida e eficaz, tanto para acompanhar a hegemonia quanto no sentido de oposição.

Quanto ao sentido de oposição, podemos aferir que o livroreportagem *Rompendo a Cerca* propõe esta visão com destreza e vigor, assim podendo também considera-lo como um meio de comunicação alternativo e contra-hegemônico.

Considerações Finais

A partir da análise do livroreportagem *Rompendo a Cerca* cumpriu-se o objetivo de mostrar como esse veículo pauta e ao mesmo tempo realiza a representação jornalística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

Observou-se que a narrativa possui tratamento diferenciado quanto ao MST, de ordem que privilegia o movimento de externar ao público sua verdadeira face e seus significados de por que lutar pela terra e também por outras mudanças sociais.

Percebe-se com isso que o Jornalismo que é feito no cotidiano muitas vezes deprecia a interpretação dos fatos, pois a questão da objetividade do jornalismo acaba muitas vezes prejudicando e sendo utilizado de forma errada. E não é porque um livroreportagem tem mais tempo para pesquisar, apurar e escrever, que isso seja uma justificativa para que as mídias tradicionais diárias tratem de forma errônea e deturpem a imagem do movimento dos sem-terra.

Também não podemos utilizar como justificativa que este livroreportagem só foi escrito devido as autoras serem militantes pelo movimento. Porém, é importante lembrar que as mesmas também estão inseridas num contexto hegemônico ideológico que força para que haja a criminalização do movimento, mas que nem por isso deixaram de tratar o movimento com um olhar diferenciado.



Portanto, podemos inferir que as autoras buscaram ter o compromisso jornalístico de por meio da informação trazer a tona outras leituras e realizar uma representação jornalística positiva e contributiva sobre o MST e com isso concretizar o Jornalismo como uma forma social de conhecimento.

Referências Bibliográficas

BRANFORD, Sue. **Rompendo a Cerca: a história do MST** / Sue Branford, Jan Rocha; [tradução Rubens Galves Merino]. – 1. Ed. – São Paulo : Casa Amarela, 2004.

ROTHBERG, Danilo. **O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia**. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério. Vitrine e vitraço: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo. Covilha: LabCom Books, 2010.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST** / Mitsue Morissawa – São Paulo : Expressão Popular, 2001.

SECRETARIA NACIONAL DO MST. **MST: Lutas e Conquistas**. 2ª Ed: São Paulo, 2010.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1986.